

Vocação: fator determinante de um Profissional de Educação Física



O Profissional Stucchi ao lado de seus grandes colegas e admiradores Conselheiro João Batista Andreotti Tojal e o Profissional Manoel José Gomes Tubino

Ainda jovem o Prof. Pedro Stucchi Sobrinho percebeu sua verdadeira vocação e trocou o curso de Engenharia pelo de Educação Física. Prestou exame e entrou na Faculdade de Educação Física, em 1941. Ainda estudante, já exercia a função de árbitro de Basquete, de Vôlei e de Atletismo. Assim que se formou, foi convidado para ser professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços de São Paulo.

Prestou concurso e foi dar aulas em Pirajuí, interior de São Paulo. Em 1945, aceitou convite da Prefeitura de Capivary, sua cidade natal, para lecionar, onde permaneceu dando aulas até 1950. De lá, se transferiu para Campinas, onde vive até hoje. Seu trabalho no Colégio "Culto à Ciência" marcou época, tendo levado o Colégio a participar e vencer inúmeras competições oficiais e não-oficiais com outras esco-

las da região. Com o passar do tempo outros Profissionais vieram a se somar ao seu trabalho, como o Prof. João Batista Tojal, hoje Conselheiro do CONFEF. O trabalho na Educação Física tomou tamanha proporção que o Colégio Culto à Ciência se tornou conhecido nacionalmente, com destaque para a Ginástica Olímpica.

O Prof. Stucchi permaneceu no Culto à Ciência até 1979. Mais tarde, foi nomeado Delegado Regional de Educação Física de Campinas pela Secretaria de Esportes e Turismo do Governo do Estado de São Paulo, cargo que exerceu por 15 anos. Nesta época foi convidado para dar aulas no Colégio Técnico da Unicamp, depois foi chamado pela própria Unicamp para trabalhar na Faculdade de Educação Física com a disciplina de Organização de Competição e Eventos, na qual trabalhou por mais dez anos.

E.F. — Que diferença podemos perceber entre o mercado atual e o da sua época?

Prof. Stucchi — Quando eu comecei na Educação Física, o número de professores era pequeno. O nosso trabalho maior se resumia nas escolas oficiais do Estado de São Paulo. Mas, havia também algumas academias que era um segmento do mercado de trabalho e os alunos particulares. Naquela ocasião, os clubes não davam muito valor para o professor de Educação Física. Eles preferiam contratar ex-atletas, veteranos que paravam de competir, para transmitir seus conhecimentos aos associados. A diferença de mercado é que, naquela época, era muito restrito. Na época que fiz Educação Física, só havia Educação Física no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e em Minas Gerais. Não existiam outras escolas. No Estado de São Paulo só existia a da cidade de São Paulo. Hoje já existem muitas outras faculdades.

E.F. — Que diferença percebemos entre o profissional de hoje e o daquela época?

Prof. Stucchi — Nós não tínhamos muito acesso a livros e publicações para ilustrar nossos estudos. Eu ainda tenho muitos livros em francês e em outras línguas, e como eu não domino estes outros idiomas, me limitava em aprender observando as figuras. O profissional da minha época tinha que se virar para conseguir conhecimento estudando e procurando os poucos recursos existentes. Havia os cursos de férias na cidade de Santos, organizados pela própria Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, que trazia professores da Europa, dos Estados Unidos e do Japão e de diversos países. Com isso, nós nos ilustrávamos. As coisas dependiam muito mais da criatividade do professor do que dos recursos das escolas.

E.F. — Com relação à formação profissional:

a. Como está o panorama atual do ensino superior em Educação Física?

Prof. Stucchi — Quando eu estudei só cursava Educação Física, quem realmente “era” da Educação Física. Era algum especialista de alguma área relacionada à Educação Física. Era um atleta, era um organizador ou era um árbitro. Ele já estava ligado a Educação Física de alguma maneira. Só fazia o curso quem realmente já estava dentro do “metier”. Hoje não. Hoje tem gente que não tem nada a ver com a Educação Física, não tem propensão para profissão nenhuma então escolhe, às vezes, a Educação Física por ser um curso mais curto. Muitos não têm nem qualidade para ser professor de Educação Física, mas fazem assim mesmo. E com isso, tornam-se professores teóricos, somente teóricos.

(...) se você vai realmente ser um Profissional de Educação Física, você tem que se apaixonar por essa profissão (...)

b. Quais as adequações são necessárias para a melhoria da qualidade de ensino da Educação Física?

Prof. Stucchi — É preciso incentivar a prática, assistir, ensinar, viver a Educação Física. O aluno tem ter afinidade, se interessar pelo que se passa, não só aqui no nosso país, mas no mundo todo, pelos livros, pela biblioteca, como também pelo cinema, pelos filmes produzidos. Eu acho que estas adequações são necessárias para a melhoria do ensino, o professor tem que viver estas situações, se ele não viver aquele momento, ele pode até, por um palavreado bem elaborado, transmitir muita coisa, mas ideal seria, também, que ele praticasse toda essa realidade que ele mostra.

c. Da formação acadêmica que venceu: alguma disciplina que tenha sido abandonada pelas escolas deveria ser reintroduzida na grade curricular?

Prof. Stucchi — No meu tempo, nós dávamos Ordem Unida aos nossos alunos. A Ordem Unida é uma expressão vinda do Exército, mas que dava uma mobilidade para os alunos, muito boa. Nós utilizávamos o Método Francês de Educação Física, que consistia em “trepar, marchar, saltar, levantar-se, transportar, correr, atacar e defender”. Eu podia dar uma aula de quarenta e cinco minutos, a mais variada possível, com interesse dos alunos, todos eles praticando com muita vontade, pedindo até posteriormente, para repetir aquela aula. Outra coisa que eu acho que foi abandonada foi a Calistenia, que é própria porque ela não requer um local muito apropriado. Qualquer salão resolve o problema da Calistenia. Ela não tem contato pessoal, é individual. Ela compõe-se de movimentos de braço, perna, movimentos de ombro, da cintura escapular, vários exercícios de abdome, vários exercícios combinados, e tem diversos tipos de trabalho. Outra coisa que não se usa mais são aquelas demonstrações envolvendo centenas de alunos ao mesmo tempo.

E.F. — Como os Conselhos devem atuar no desenvolvimento de uma Educação Física de qualidade, além das atribuições legais?

Prof. Stucchi — No momento, o que eu vejo é uma reunião de pessoas interessadas em melhorar a Educação Física. Um grupo de Profissionais que se interessam verdadeiramente pela Educação Física e com isso eles podem dar mais retaguarda para as faculdades. Se realmente resguardar o espaço do professor é um dos objetivos do CONFEE, acho muito bom porque isso iria proteger todos os professores que realmente tiveram uma formação acadêmica.

E.F. — A Educação Física é finalmente vista como uma profissão da área da saúde. Já havia alguma mobilização neste sentido na época em que atuava?

Prof. Stucchi — Oficialmente não existia essa parte. O que existia é que todo mundo sabia que uma pessoa que faz esporte, atividade física, enfim, que se mexe e trabalha com o corpo, torna-se um bom defensor de sua saúde. Agora, especificamente da saúde, é uma coisa mais recente. Naquela época não se falava tanto em saúde.

Não estamos num país de aventureiros, devemos mostrar um país de cidadãos com cabedal de conhecimentos nos quais possam se estribar para transmitir tudo aquilo que for necessário para o processo educativo.

E.F. — Quais as conseqüências que esta nova postura pode causar para a profissão?

Prof. Stucchi — A ampliação do mercado de trabalho. Tanto é que, a Educação Física se subdividiu e surgiram outras profissões para cuidar da saúde. No caso da Fisioterapia, no geral são os professores de Educação Física que procuram a Fisioterapia para complementação do conhecimento. Eu citei a Fisioterapia, mas existem outras especialidades. O massagista profissional, o Terapeuta Ocupacional, e outras profissões originárias da Educação Física.

E.F. — Qual a contribuição que a Educação Física Escolar pode trazer para o país?

Prof. Stucchi — A Educação Física realmente dada e praticada nas esco-

las, é uma grande melhoria para os alunos durante todo seu tempo de formação escolar. Agora, o que é necessário, é que seja dada uma Educação Física Escolar e não chegar, fazer chamada e depois dizer: “Agora vocês vão jogar para lá, vocês correr por ali”. Não. Deve ser uma coisa orientada e disciplinada. Isso eu acho que tem valor na Educação Física. Se não for assim, torna-se uma simples recreação que não tem valor educativo. Fora do ginásio ninguém faz mais nada. No nosso tempo, nós tínhamos quadras externas, a pista de atletismo, nós tínhamos natação fora da escola. Tudo que era possível ter, nós tínhamos. Enfim, uma Educação Física bem feita, bem orientada, com assistência médica, com parte de higiene bem orientada, isso para toda a comunidade da escola. Não há dúvida, alunos dispostos, saudáveis para a aula, isso traz benefícios imensos.

E.F. — A Educação Física Escolar pode contribuir decisivamente para a consolidação do Brasil como uma potência olímpica ou os seus benefícios estão mais restritos às questões sociais?

Prof. Stucchi — A Educação Física escolar pode contribuir para revelar atletas para os clubes, para o país, para a família, para a população de uma cidade, para formar um atleta olímpico. Não digo uma potência olímpica, mas na revelação de atletas olímpicos. Alguns destes encontraram ambiente favorável à aquisição de habilidades com professores de bom nível, material bom, locais bons. A Educação Física Escolar é importante para contribuir para a formação de alguns elementos que poderão ser atletas olímpicos. Ser atleta olímpico não é para todos, mas para alguns mais dotados e que precisam ter oportunidades de despontar e a Educação Física Escolar pode contribuir.

E.F. — O CONFEF vem apresentando à sociedade diversos documentos, entre eles o Código de Ética e o Documento de Intervenção

Profissional. A divulgação desses documentos acarretará mudanças na mentalidade do profissional de hoje. Como fica a questão ética no setor?

Prof. Stucchi — Que a ética é necessária, não há dúvida. Por que ética nada mais é que “educação”. A educação faz parte da ética. É necessário que o CONFEF oriente os que não são formados a se profissionalizarem. Que procurem estudar, procurem meios de se tornar um verdadeiro Profissional. E mais, orientar aqueles que são formados, a buscarem uma melhor orientação dentro de sua escola. Os que não são diplomados, devem se diplomar. Não estamos num país de aventureiros, devemos mostrar um país de cidadãos com cabedal de conhecimentos nos quais possam se estribar para transmitir tudo aquilo que for necessário para o processo educativo.

E.F. — Que mensagem deixaria para a nova geração de Profissionais de Educação Física e para o sistema CONFEF/CREFs?

Prof. Stucchi — A mensagem que eu deixaria para os educadores é que se você vai realmente ser um Profissional de Educação Física, você tem que se apaixonar por essa profissão. Você não pode ser um bom professor de Educação Física e durante todo o tempo estar preocupado com outras esferas da vida. O Profissional de Educação Física tem que viver as vinte e quatro horas do dia na Educação Física, se ele realmente quer ser. Todo profissional de Educação Física que tem todas as qualidades de um professor de Educação Física tem uma grande vantagem sobre o apenas teórico da Educação Física. Porque o teórico somente fala aquilo que está escrito e não consegue executar e demonstrar nenhum movimento e numa escola, quem não executa nada, não realizará nada. E aquele que executa todos os movimentos, pede para ser imitado e isso é quase tudo na Educação Física.